

Joel Rufino dos Santos

**QUANDO EU VOLTEI,
TIVE UMA SURPRESA**
(Cartas para Nelson)

Rocco

Rio de Janeiro - 2000

Nelsinho, meu querido.

Estou com muita saudade de você. Recebi as fotografias que você me mandou. Gostei mais daquela em que você aparece dirigindo, junto com o Marquinho. Puxa!, como você está grande. Vejo, pela foto, que seus pés quase já chegam ao acelerador!

Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo.

Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar.

Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Ai, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo ~~em~~ ^{com o} juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz — e acho que você mesmo já viu um na televisão. O juiz do governo faz a mesma coisa que o juiz de futebol: ele decide quem tem razão.

Eu acho que tenho razão. As aulas que eu dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais — eu acho que são coisas certas. O governo não acha. O juiz é quem vai decidir. Agora, eu estou esperando ele me chamar para decidir. Isto demora um pouco, infelizmente. Tenho certeza que o juiz vai dizer: ~~que não está nada~~ "Seu Joel, não tem mal algum o senhor ter as suas opiniões. Pode ir embora." Ou então: "Seu Joel, o senhor já esperou muito tempo pela minha decisão. Pode ir embora."

Nelsinho. Eu queria, agora, estar ^{ai com você} ~~aqui~~. Mas, aqui, onde estou

Nelsinho, meu querido.

Estou com muita saudade de você. Recebi as fotografias que você me mandou. Gostei mais daquela em que você aparece dirigindo, junto com o Marquinho. Puxa!, como você está grande. Vejo, pela foto, que seus pés quase já chegam ao acelerador!

Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo.

Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar.

Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo é com o Juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz - e acho que você mesmo já viu um na televisão. O juiz do governo faz a mesma coisa que o juiz de futebol: ele decide quem tem razão.

Eu acho que tenho razão. As aulas que eu dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais - eu acho que são coisas certas. O governo não acha. O juiz é quem vai decidir. Agora, eu estou esperando ele me chamar para decidir. Isto demora um pouco, infelizmente. Tenho certeza que o juiz vai dizer: "Seu Joel, não tem mal algum o senhor ter as suas opiniões. Pode ir embora." Ou então: "Seu Joel, o senhor já esperou muito tempo pela minha decisão. Pode ir embora."

Nelsinho. Eu queria, agora, estar aí com você. Mas, aqui, onde estou

esperando a decisão do juiz não é muito ruim. Vou te contar como é.

Tem 40 pessoas, que também não concordam com o governo. Tem 1 médico; 3 engenheiros; 8 professores; ~~20~~³⁰ estudantes; 3 marinheiros; 10 operários (de trem/de fábrica) e 5 compositores. Estes, são todos homens. Do outro lado, ficam as mulheres. Elas são quase 30. E algumas são professoras, outras são estudantes, uma é enfermeira, uma é arquiteta, uma é artista de televisão.

Nós mesmos fazemos nossa comida. Eu sei cozinhar, como você sabe, embora não tenha muita experiência. Jogamos bola na terça-feira, na quarta-feira e na sexta. Eu estou com as pernas cheias de calombos, porque sempre que vou fazer um gol, aparece um "grosso" para me chutar. De dia, a gente lê, estuda e trabalha. Estou aprendendo a fazer uma porção de coisas bacanas: bolsas, colares, conetes encapadas, chinelos, etc. Agora, estou fazendo dois presentes para você. Não digo o que é. Será surpresa!!!

De noite, contamos; e assistimos televisão. Eu estou gostando muito da novela O Bem-amado. Vejo também Cavalo de Aço e Uma Rosa com Amor. Você assiste, também? O que mais gosto, porém, é dos desenhos animados! Nós aqui moramos em quartos — em cada quarto moram 6 ou 9 pessoas. O meu quarto é número 31 e lá ~~tem~~ dois moradores não têm filhos. Nós, os outros, que temos filhos, falamos muito deles — cada um conta um caso do seu filho. Eu contei a eles que você é escoteiro e aquele acompanhamento que eu e você fizemos na Barra da Tijuca. Ah, para enfeitar um pouquinho, eu contei a eles que nós tivemos de enfrentar, de noite, um lobisomem. Falei que o tal lobisomem botou o acompanhamento todo pra correr, menos nós dois. Ah, um morador do meu quarto, que estava escutando, ficou com tanto medo que pediu:

esperando a decisão do juiz não é muito ruim. Vou te contar como é.

Tem 40 pessoas, que também não concordam com o governo. Tem 1 médico; 3 engenheiros; 8 professores; 10 estudantes; 3 marinheiros; 10 operários (de trem e de fábrica) e 5 camponeses. Estes, são todos homens. Do outro lado, ficam as mulheres. Elas são quase 30. E algumas são professoras, outras são estudantes, uma é enfermeira, uma é arquiteta, uma é artista de televisão.

Nós mesmos fazemos nossa comida. Eu sei cozinhar, como você sabe, embora não tenha muita experiência. Jogamos bola na terça-feira, na quarta-feira e na sexta. Eu estou com as canelas cheias de calombos, porque sempre que vou fazer um gol, aparece um "grosso" para me chutar. De dia, a gente lê, estuda e trabalha. Estou aprendendo a fazer uma porção de coisas bacanas: bolsas, colares, canetas encapadas, chinelos etc. Agora, estou fazendo dois presentes para você. Não digo o que é. Será surpresa!!!

De noite, cantamos e assistimos à televisão. Eu estou gostando muito da novela "O bem-amado". Vejo também "Cavalo de Aço" e "Uma rosa com amor". Você assiste também? O que mais gosto, porém, é dos desenhos animados! Nós aqui moramos em quartos – em cada quarto moram 6 ou 9 pessoas. O meu quarto é número 31 e só dois moradores não têm filhos. Nós, os outros, que temos filhos, falamos muito deles – cada um conta um caso do seu filho. Eu contei a eles que você é escoteiro e aquele acampamento que eu e você fizemos na Barra da Tijuca. Aí, para enfeitar um pouquinho, eu contei a eles que nós tivemos de enfrentar, de noite, um lobisomem. Falei que o tal lobisomem botou o acampamento todo pra correr, menos nós dois. Aí, um morador do meu quarto, que estava escutando, ficou com tanto medo que pediu:

mensagem
esfultosa

"Para! Para!" Os meus companheiros de quarto são muito bons e a
gos.

Meu filho lindo e querido. Nós podemos receber visita. Aos sábados,
de 9 às 11 horas. As visitas ficam no pátio, vizinhas à beira. Eu quero
que você venha me visitar, assim que puder. Estou louco para conversar
com você. Quando você vier, eu te explicarei melhor como é aqui. É um
prédio de 4 andares, muito movimentado de gente; pelas janelas, nós
vemos a cidade de S. Paulo e um grande pedaço de céu. Me lembro que
você gostava muito de adivinhar as figuras que as nuvens iam form
do no céu, com o vento.

Agora, vou pedir uma porção de coisas a você:

- 1.º) escreva para mim, uma carta grande, contando muita coisa de
você. Eu quero saber de tudo o que você faz e pensa.
 - 2.º) nesta carta, mande os nomes dos seus principais amigos, pois
tenho um presente para eles; mas preciso dos nomes deles.
 - 3.º) mande todas as fotografias que você puder. No meu quarto tem
um lugar para cada pessoa colar seus retratos. Eu quero ter o ma
número.
 - 4.º) mande alguns cadernos velhos seus, para eu ler e guardar.
 - 5.º) mande alguns desenhos^(seus), para eu decorar o nosso quarto aqui.
- ~~Eu~~ Fiquei alegre de saber que você é poliglota. Eu também estou estu
dando inglês. ~~Vou~~ Leia este diálogo.

- Who are you?

- I am Mister Nelson.

- Who is Mister Nelson's father?

- Mister Joel.

- Mister Joel. Do you like Mr. Nelson?

- Oh! Yes. I love much Mr. Nelson. He is my son, my lovely son.

Do you understand, Mr. Nelson?



"Pára! Pára!" Os meus companheiros de quarto são muito bons e amigos.

Meu filho lindo e querido. Nós podemos receber visitas. Aos sábados, de 9 às 11 horas. As visitas ficam no pátio, crianças à beça. Eu quero que você venha me visitar, assim que puder. Estou louco para conversar com você. Quando você vier, eu te explicarei melhor como é aqui. É um prédio de 4 andares, muito movimentado de gente; pelas janelas, nós vemos a cidade de S. Paulo e um grande pedaço de céu. Me lembro que você gostava muito de adivinhar as figuras que as nuvens iam formando no céu, com o vento.

Agora, vou pedir uma porção de coisas a você:

1ª) escreva para mim, uma carta grande, contando muita coisa de você. Eu quero saber de tudo o que você faz e pensa.

2ª) nesta carta, mande os nomes dos seus principais amigos, pois tenho um presente para eles; mas preciso dos nomes deles.

3ª) mande todas as fotografias que você puder. No meu quarto tem um lugar para cada pessoa colar seus retratos. Eu quero ter o maior número.

4ª) mande alguns cadernos velhos seus, para eu ler e guardar.

5ª) mande alguns desenhos seus, para eu decorar o nosso quarto aqui. Fiquei alegre de saber que você é poliglota. Eu também estou estudando inglês. Ouça este diálogo.

– Who are you?

– I am Mister Nelson.

– Who is Mister Nelson's father?

– Mister Joel.

– Mister Joel. Do you like Mr. Nelson?

– Oh! Yes. I love much Mr. Nelson. He is my sun, my lovely sun. Do you understand, Mr. Nelson?

Nelson, não deixe de me escrever.

Dê um abraço bem forte em nossos amigos - Alexandre, Aquiles, Dudu e os outros (e Luíza e Niel) cujos nomes agora não me lembro.

(em você.)
Não esqueça que seu pai pensa muito. E quer ser muito seu amigo. Breve, dentro de pouco tempo, estarei junto com você. Me conte tudo o que você está pensando. Você está triste? Está alegre? Ou, mais ou menos? Acho que você está um pouquinho triste. E um pouquinho alegre. Está triste porque seu pai está longe. Mas deve estar alegre porque ele gosta muito de você - e está bem de saúde.

Dê lembranças à sua mãe; à sua vó e avó; aos primos; ao tio Arthur - diga que eu mandei parabéns pelo filho que ele teve.

Dê o seguinte recado à sua mãe: que ela fique bastante tempo com você, na sua casa.

Venha me visitar, se puder.

Mil abraços e beijos do teu pai.

Joel
12/ junho de 1973

Quando você escrever, entregue a carta à sua tia Bena.

Outra vez, mais mil e duzentos beijos.
Não se esqueça das coisas que lhe pedi.



Nelson, não deixe de me escrever.

Dê um abraço bem forte em nossos amigos – Alexandre, Aquiles, Dudu e os outros (e Luciana e Ariel) cujos nomes agora não me lembro.

Não esqueça que seu pai pensa muito em você. E quer ser muito seu amigo. Breve, dentro de pouco tempo, estarei junto com você. Me conte tudo o que você está pensando. Você está triste? Está alegre? Ou mais ou menos? Acho que você está um pouquinho triste. E um pouquinho alegre. Está triste porque seu pai está longe. Mas deve estar alegre porque ele gosta muito de você – e está bem de saúde.

Dê lembranças à sua mãe; à sua avó e avô; nos primos; no tio Arthur – diga que eu mandei parabéns pelo filho que ele teve.

Dê o seguinte recado à sua mãe: que ela fique bastante tempo com você, na sua casa.

Venha me visitar, se puder.

Mil abraços e beijos do teu pai.

Joel

12/junho de 1973

Quando você escrever, entregue a carta à sua tia Bena.

Outra vez, mais mil e duzentos beijos.

Não se esqueça das coisas que lhe pedi.

FREI BETTO

Cartas da prisão



COMPANHIA DAS LETRAS

1. Cartas de 1969

Presídio Tiradentes, São Paulo, domingo, 7 de dezembro de 1969

Queridos pais* e manos,

A novidade é a própria vida da prisão. Cheguei há uma semana, tudo é novo. Talvez eu fique longo tempo neste presídio. Somos quase duzentos presos políticos, entre rapazes e moças. Ocupamos uma cela grande, espaçosa, ventilada, equipada com dois banheiros, chuveiro, tanque de lavar roupa, cozinha e fogão. Somos 32, quase todos jovens. Há dois feridos: Carlos Lichtsztejn levou quatro tiros da polícia ao ser preso; Antenor Meyer se atirou do quarto andar de um edifício ao tentar fugir. Estão em fase de recuperação.

O coletivo é dividido em equipes. Cada dia uma se encarrega do serviço geral. Ontem foi a minha: levantamos cedo, varremos a cela, preparamos o café. Enquanto uns cuidavam da limpeza e dos feridos, outros cozinhavam. Consegui fazer um arroz soltinho...

Ocupações: aulas de francês, ginástica, ioga, Teologia, conversas. Quando

* Antônio Carlos Vieira Christo (1913-2002) e Maria Stella Libanio Christo (1918-2011).

o espírito é forte, a prisão é suportável. Ninguém se mostra abatido ou chateado. Todos demonstram bom estado de espírito. Felizmente, cessaram os interrogatórios. Agora é saber aproveitar o tempo. Esse período não é um hiato em minha vida, é o seu prosseguimento normal; sei que passo por uma importante experiência.

Presídio Tiradentes, quinta, 25 de dezembro de 1969 — Natal

Queridos pais e manos,

Tivemos visita do meio-dia às cinco da tarde. Contando amigos e parentes, cerca de mil pessoas. Os padres do convento trouxeram cigarros e alimentos.

À noite, improvisamos a ceia. Houve ato litúrgico, com cânticos e leituras bíblicas. Não celebramos missa, falta autorização do juiz auditor.

Sei quanto este Natal representa para a nossa família. Algo nasce dentro de nós, algo que nos aproxima do pobre menino de Belém. Este Natal repete o mistério de Deus manifestado na criança da manjedoura. A prisão é lugar de malfetores, ladrões, vagabundos, criminosos; lugar de banidos do convívio social. Para nós, é honra, glória e alegria poder gerar uma parte de nossas vidas nessa “manjedoura”.

Mas nem a todos é dado entender isso, como nem a todos foi dado entender o mistério daquele filho de carpinteiro padecido entre ladrões. Só se pode compreender por um ideal mais profundo ou à luz da fé. Os que nos prenderam são incapazes de entender por que permanecemos fortes, alegres, bem-dispostos. Jamais daremos a eles o prazer de nos verem abatidos e tristes.

Recebemos visita de nosso advogado, dr. Mário Simas. Impetrou recurso a nosso favor no Superior Tribunal Militar. Creio que não será julgado antes de 1º de janeiro.

Presídio Tiradentes, terça, 30 de dezembro de 1969, cela 7

Meu caro Nando,*

Há tempos penso em escrever-lhe. Minha intenção é tranquilizá-lo quanto aos fatos decorridos de minha prisão. Sei que, fora, as pessoas imaginam o pior; temos gravada na mente a imagem do cárcere como lugar depressível, onde são guardados ladrões e assassinos.

Não lhe escrevi antes porque fiquei incomunicável de 9 de novembro — ao ser preso, às 7h30, na avenida Independência, em Porto Alegre — ao último dia 12, em que se decretou minha prisão preventiva. Papai conseguiu avistar-se comigo no Dops de Porto Alegre e no Deops de São Paulo — a condição de juiz facilitou-lhe o acesso.

Fui preso por um major e um coronel do serviço secreto do Exército. Na mesma manhã, iniciaram-se os interrogatórios presididos, em Porto Alegre, pelo diretor do Dops e um major. Só descansei a partir das cinco horas da manhã seguinte.

No Dops gaúcho, fiquei em cela improvisada por tabiques no meio de um corredor. Havia dois beliches com colchões e cobertores. A luz ficava acesa durante a noite; estranhei de início, logo me acostumei. A comida vinha em bandejas, tipo restaurante estudantil. Não havia sanitário na cela.

Dias depois, transferiram-me para outra cela, com cama individual. Consumi o tempo — quando não era interrogado — lendo Pearl S. Buck, Somerset Maugham, Erico Verissimo e a Bíblia. Escrevi um diário espiritual, apreendido no Dops paulista.

Em Porto Alegre, interrogaram-me policiais do Dops paulista, do serviço secreto da Marinha (Cenimar) e do 1º Exército. Recebi a visita do cardeal Scherer,** em presença do secretário de Segurança e do diretor do Dops. Durante o período em que estive foragido, doze jesuítas do Seminário Cristo Rei foram levados ao Dops para depor a meu respeito.***

* Luiz Fernando Libanio Christo, meu irmão.

** Dom Vicente Scherer (1903-96), arcebispo de Porto Alegre.

*** Ao ser preso, eu cursava Teologia no seminário dos jesuítas em São Leopoldo (RS).

Duas moças, Aidé e Iria, que nunca vi, serviram-me de anjos da guarda enquanto estive na capital gaúcha. Me levavam frutas e lavavam-me a roupa.

No dia 26 ou 27 de novembro, não tenho certeza, trouxeram-me para São Paulo num avião C-47 da FAB. Embarquei na base aérea de Canoas; três horas e meia depois, desci em Cumbica. Havia mais quatro presos políticos comigo, dos quais dois seguiram para o Rio.*

Em Cumbica, às três da tarde, a polícia da Aeronáutica entregou-me ao Deops. Duas viaturas, cujos policiais portavam armas pesadas, conduziram-me com os outros presos ao prédio do Deops. Na carceragem, guardaram num cofre o que eu trazia de dinheiro, relógio, gilete, canetas, livros, cadernos e fósforos. Fui trancado, com mais três presos políticos, na cela 7, do *fundão*. Além de dormir e conversar, nada havia a fazer. A cela tinha privada e colchões espalhados pelo chão. Um lençol, estendido de uma parede a outra, servia de “porta” da privada.

A prisão é a melhor escola da arte de improvisar.

Uma semana depois, fui transferido para a cela 1, onde fiquei em companhia de mais de dez presos. Ali tínhamos livros, revistas em quadrinhos, direito a um banho por semana. Papai e mamãe me visitaram duas vezes. Visitaram-me também os cardeais Agnelo Rossi** e Vicente Scherer, acompanhados por delegados que se encarregavam de me interrogar.

Decretada minha prisão preventiva, dia 12, vim transferido para o Presídio Tiradentes; afinal me encontrei com os demais dominicanos. Nos primeiros dias, ficamos na *cela dos incomunicáveis*, no pavilhão dos presos comuns. Pouco depois, viemos para o pavilhão de celas especiais reservadas aos presos políticos. Estão aqui cerca de duzentos. Em minha cela, 32. Temos alguns livros e *Tio Patinhas* em quantidade. Recebemos visitas todas as quartas. O banho de sol é de apenas uma hora, às terças e sextas.

Thereza aparece nos dias de visita.*** A presença dela me faz muito bem.

* Os dois que seguiram viagem para o Rio de Janeiro eram Caio Venâncio (desaparecido) e Joseph Calvert. Os outros dois eram o monsenhor Marcelo Carvalheira, da arquidiocese do Recife, e o seminarista jesuíta Francisco Castro.

** Agnelo Rossi (1913-95), cardeal arcebispo de São Paulo.

*** Minha irmã, Maria Thereza Christo Brandão.

Estou certo de que tudo isso veio estreitar nossos laços de família e nos tornar mais próximos uns dos outros.

De resto, confio plenamente no Senhor. Começo a aprender quanto pesa a minha cruz. Mas, como diz Jesus, “meu fardo é leve; meu jugo, suave”.* Daí a íntima felicidade interior que experimento nessa primavera de minha vida.

Um abraço amigo e saudoso.

* Mateus 11,30.

nessa condição presa no Ocidente. Buscava-se com isso, me parece, uma repercussão política. Padres e religiosos presos há em toda parte. Não constituem novidade. Freiras, no entanto, são raras. O que nos atinge agora não é tanto a possibilidade de uma libertação pessoal. É a psicose, a expectativa incontrolável que se cria entre os prisioneiros.

A todos, um abraço na expectativa Daquela que vem.

P.S.: Tito, incluído na lista dos sequestradores, já assinou o termo de banimento.

Presídio Tiradentes, Natal de 1970, cela 17

Liana,

Estamos em tempo de festas. Tempo de confraternização num mundo tão dividido. Tempo de alegria em que há tantas lágrimas. Tempo de amor sobre ódios. Tempo de presentes em meio a tanta solidão. Nessa contradição, descubro o sentido do Natal. Cristo vem, justamente, estabelecer a paz onde há guerras, pregar a justiça onde há opressão, promover a unidade onde há desencontros.

Não podemos ser complacentes com os limites visíveis ou invisíveis que segregam as pessoas, separando-as em brancos e negros, ricos e pobres, crentes e ateus. Temos o péssimo costume de achar que só é bom o que está ao nosso lado. Tudo o mais é suspeito ou desprezível. Faltam-nos paciência e humildade para reconhecer o que há de válido e positivo além de nossas razões. Nem sempre temos segurança na verdade do que cremos — o que nos leva a considerar a verdade alheia uma grande mentira.

É tempo de revisão, de exame de consciência. O cárcere é uma espécie de genuflexório onde ajoelhamos diante da própria vida. É uma janela do mundo, da qual vemos tudo e todos. É, sobretudo, a reunião dos segregados, banidos do convívio social. Na carência da liberdade reside a nossa solidariedade. Mas a prisão tem seus limites, por pior que seja. Retém o corpo, não o espírito, nem

a mente, a fé, a história. Faz reconhecer que a liberdade é muito mais que simples movimento físico; nem sempre estar livre significa ser livre.

Essa é a angústia do homem moderno, sobretudo nos países desenvolvidos: julga-se livre sem saber o que fazer dessa liberdade. E sente-se preso, cada vez mais preso, ao abusar de sua liberdade. Busca, então, a realidade imaginária, a vertigem dos sonhos, o frenesi das sensações, numa tentativa desesperada de libertar-se. De quê? De si mesmo, em si mesmo, para si mesmo. Às vezes, procura destruir-se, ir ao limite supremo de sua resistência, arriscar-se a ponto de desafiar a morte — que, pelo menos, o arranca dessa opressão vital. Ou, então, mergulha numa egolatria que o leva à total insensibilidade diante da liberdade alheia. Para esses, a morte é sempre uma perda, estigma implacável do fracasso. Tanto num caso como noutro, o homem só conhece a “liberdade de”. Em outras palavras, não conhece liberdade nenhuma, pois só existe *liberdade para* — ela é sempre intencional.

A liberdade do ser humano se mede pela liberdade de seu próximo. Se o próximo é desrespeitado, injustiçado, usado, o que existe é libertinagem. Se o bem comum não é favorecido pela minha liberdade, o que existe é liberalidade.

O Natal me faz meditar sobre o sentido cristão da liberdade. Qual a liberdade de Cristo? Não foi, como ele mesmo deixou claro, a de fazer qualquer coisa, mesmo o que estava a seu alcance. Poderia ter convocado uma legião de anjos para salvá-lo da morte na cruz e, no entanto, não o fez. A liberdade dele foi sinônimo de serviço. Mesmo na cruz, permaneceu livre.

Deus, que é amor, renasça em seu coração.

Presídio Tiradentes, noite de Natal de 1970

Queridos pais e manos,

Hoje é noite de Natal no cárcere. A gente volta à infância, aos presentes de criança, à Missa do Galo, à carne com vinho da ceia. A gente tem vontade de fazer poesia, mas sabe que não é poeta. Esta noite me sinto profundamente

unido a vocês. Dentro de mim há uma liberdade e uma alegria imensas, forjadas sem dúvida no sofrimento, como a água infinda do rio que brota da rocha.

Há um clima contagiante de alegria no presídio. É claro que todos nós aqui trazemos uma saudade de tudo e de todos que nos são queridos aí fora. Mas é claro que também aqui, numa convivência tão longa, íntima, formamos uma só família de prisioneiros. Em cada um de nós, sedento de justiça, paz e liberdade, renasce aquele que encarna tudo isso: Cristo no presépio.

[...]

É noite de Natal no cárcere. Os carcereiros vieram dar e receber os nossos cumprimentos. Pouco antes da meia-noite fizemos a nossa liturgia. Cantamos o "Glória", meditamos sobre o nascimento de Jesus descrito por Lucas, cantamos o "Magnificat", rezamos os salmos. Nossa ceia foi um sanduíche de bife, ovo e tomate. De sobremesa, uma caixa de bombons que entrou após algumas dificuldades, pois são recheados com licor.

Agora todo o presídio canta. Como se só o nosso canto alegre e livre devesse ecoar pelo mundo. Do pavilhão feminino, as meninas cantam e nós aplaudimos. Daqui, nós cantamos e elas aplaudem. As grades e as paredes do cárcere não conseguem reter nossa voz. Esta brota em coração quente de amizade e carinho, e nos une numa única esperança. Lá embaixo, os presos comuns também cantam. Revivem a batucada do morro em latas e caixotes. Todos sabem que é Natal. Que alguém renasce. E pelo canto nós testemunhamos que também renascemos para reivindicar um mundo sem lágrimas, sem ódio e sem opressão.

É maravilhoso ver esses rostos jovens pregados à grade, cantando o amor. Este momento a gente não esquece nunca. É um espetáculo proibido aos nossos juízes, promotores e policiais que nos prenderam. Eles não suportariam a beleza desta noite. Quem gera lágrimas deve ter medo de um simples sorriso.

O corredor do pavilhão produz uma boa acústica. Tudo parece vibrar aqui dentro como se, de repente, o vento fino desta noite de verão trouxesse consigo a vida que há no mundo da liberdade. Um mundo que nos invade por dentro, pois foi por fazer outros livres que fomos presos. Bem em frente à nossa cela há um negro enorme, de voz possante, que dirige o canto. É o chantre do cárcere. Possui um repertório tão grande como seu corpo. Um homem de notável humor. Passa o dia gritando pela grade: "Quer dizer que, além de preso, tenho que ficar no xadrez?". "Tirem-me daqui que já estou me

familiarizando." Foi preso recentemente, e é bem provável que fique aqui um
vinte anos. Agora, ele adverte: "Vamos no tom de *lá*, porque o de *ré* está
dando pra trás". [...]